



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

[4] SÉRIE II

Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

Cátedra UNESCO  
O Património Cultural  
dos Oceanos  
Portugal



# OCEANICA

As alterações de conjuntura, destacadas pelos investigadores do IHC no número anterior, dizem-nos que o exercício científico e criativo está hoje focado nas questões da preservação da integridade da biosfera e dos ciclos biogeoquímicos, defesa dos patrimónios cultural e natural. Vasco da Gama celebrou a grande viagem do conhecimento, *Os Lusíadas* (1572), que dava ao mundo, além dos lugares inesperados e desejados, cartas hidrográficas, oceânicas e costeiras, diários de bordo e técnicas de navegação: as áreas costeiras, portos e cidades comerciais, ilhas e estuários, navios e oceanos, transformaram-se em cenários da capacidade individual e coletiva para enfrentar as peripécias mais inesperadas.

Os textos fundadores da literatura de naufrágio da era moderna, compilados na *História Trágico-Marítima* (1755), desde logo a *Relação da Mui Notável Perda do Galeão Grande São João* (1552), anteciparam talvez a criação de um género específico do texto ficcional, o romance marítimo, e a aventura do pensamento e da palavra que o caracteriza: em *Robinson Crusóé* (Defoe, 1719) um sobrevivente “reconstrói” a humanidade numa ilha isolada; um submergível abole as medidas da distância e da duração, e institui os espaços marítimos como os de uma ciência renovada, em *Vinte Mil Léguas Submarinas* (Verne, 1870); a caça à baleia e o resgate da máquina de um navio a vapor são descritos numa linguagem figurativa, filosófica e emocional em *Moby-Dick* (Melville, 1851) e em *Os Trabalhadores do Mar* (Hugo, 1866); *Tufão* (Conrad, 1903) traduz a aplicação da aprendizagem formal à realidade num labirinto de hesitações. As ciências, as práticas e a gíria, inspiraram o poderoso elemento de consciencialização e simbolização que é a literatura ficcional marítima.

Procuramos hoje no IELT, nomeadamente através da antologia crítica *Imaginários do Mar*, apreender a emergência de novos sinais da literatura ficcional e não-ficcional e a sua articulação às ferramentas mais tradicionais. Convidámos, com este pensamento, o Museu de Portimão, entidade vocacionada para o estudo e divulgação do património marítimo tangível e intangível, a apresentar-se aos nossos leitores.

Carlos Clamote Carreto, Luís Sousa Martins, Anabela Gonçalves e Carolina Vilardouro (IELT – NOVA FCSH)

## FICHA TÉCNICA

OCEANICA – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, nº 4 da Série II (dezembro de 2020).

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Luís Sousa Martins (IELT)

EDIÇÃO E DESIGN  
Joana Baço (CHAM)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (PT)  
Anabela Gonçalves (IELT)  
Carolina Vilardouro (IELT)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (EN)  
Diana Barbosa (IHC)

REVISÃO DE MAQUETE  
Carlos Moreira (IEM)

COMUNICAÇÃO  
Carla Veloso (CHAM)

FOTOGRAFIA DA CAPA  
Marco Zanin. Projeto “Ritualia” (2018).

Email para o envio de informações,  
notícias e sugestões de divulgação:  
joanabaco@fcsch.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO  
“O Património Cultural dos Oceanos”  
[www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra](http://www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra)

Facebook:  
[@catedra.unesco.nova.oceanos](https://www.facebook.com/catedra.unesco.nova.oceanos)

Instagram: [@catedra.unesco.oceanos](https://www.instagram.com/catedra.unesco.oceanos)

Twitter: [@ChairOceans](https://twitter.com/ChairOceans)

## UM COLECTIVO E A SUA OBRA

Neste número o destaque ao investigador dá espaço e voz a um colectivo. Com José Gameiro, Diretor Científico, e Isabel Soares, Chefe de Divisão, uma espécie de PR e PM do Museu do Portimão, à cabeça, a equipa de investigação é variada. Temos a Ana Ramos, antropóloga, que trata cientificamente as conversas que tem com pessoas que sabem coisas; o António Pereira, de História, que passou das medievalices de estudante para o cheiro a peixe das fábricas; o Pedro Branco, também de História e tipo eurodeputado, pois tem de fazer a gestão do European Museum Forum; a Vera Freitas, a mulher mais empoeirada da casa, ou seja a nossa arqueóloga; a Ana Alexandre, com formação em Património, passou a ser a nossa “fiel de armazém” pois superintende as coleções e inventário; o designer Rui Nicolau, que transforma as ideias da malta em algo que o público consiga fruir e a Gisela Gameiro, a “mulher dos livros” (aka arquivista) que faz a ligação à informação que o Arquivo tem para oferecer. Grupo difícil de isolar, segue uma fotografia da equipa do Museu, onde nos incluímos.

Pedro Branco (Museu de Portimão)



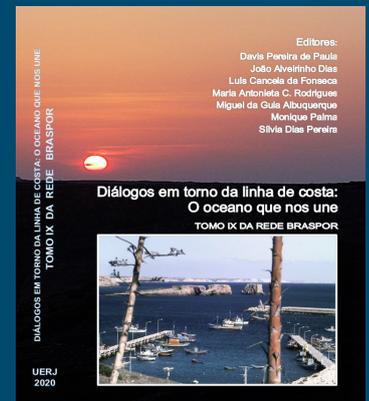
Parte da equipa do Museu de Portimão, junto ao vai-vem de descarga do peixe [Museu de Portimão].

## UMA EDIÇÃO, UMA FOTOGRAFIA



Praia de S. João da Caparica, 2020. Autora: [Joana Gaspar Freitas](#)

Estas dunas estão em processo de reabilitação, através da plantação de vegetação e colocação de vedações e passadiços. O [projecto DUNES](#) está a investigar as primeiras intervenções, que começaram em finais do século XIX, com o objectivo de fixar estas areias.

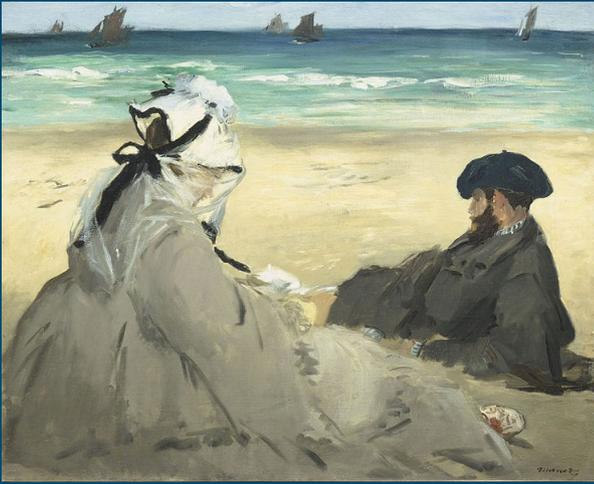


### A CÁTEDRA APOIA

Encontra-se disponível o [IX Tomo BRASPOR](#), resultado do IX Encontro da Rede BRASPOR. Este encontro aconteceu em outubro de 2019 e tratou-se de uma reunião que visou fomentar a cooperação entre investigadores, de várias áreas do saber, que se dedicam ao estudo dos sistemas costeiros. Tal como nos encontros anteriores, são privilegiadas as abordagens holísticas que contemplem enquanto conjunto o Homem e o Meio. Este encontro foi organizado pelo Centro de História (CH-ULisboa) e pelo Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT – NOVA FCSH), com o apoio da Câmara Municipal de Vila do Bispo e da Direção Regional de Cultura do Algarve.

## 4 PEQUENOS MOMENTOS DE CONHECIMENTO EM PALAVRAS, NARRATIVAS E COISAS

Conceito, objeto, instrumento e espécie marinha

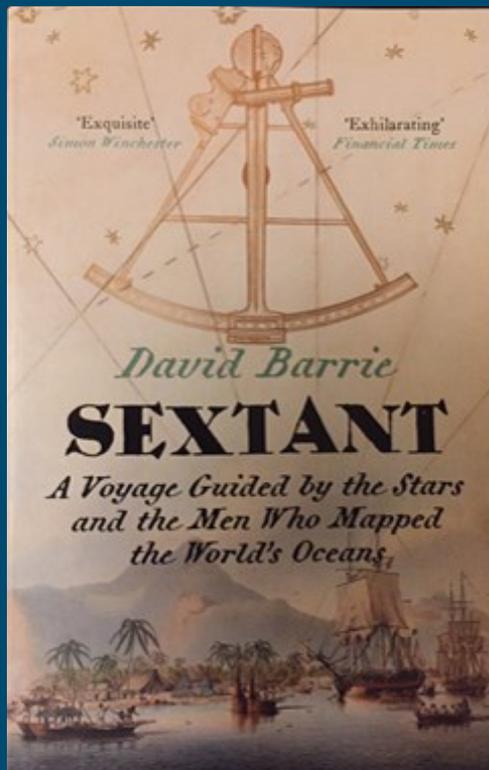


Os primeiros leitores de ficção marítima desfrutavam de um enredo constituído por sequências de um Problema-e-a-sua-Solução: seguiam a mestria dos protagonistas para superar imprevistos e dificuldades, fenómenos desconhecidos, designados nos diários de bordo e nos escritos de marinheiros-autores pela expressão “notáveis ocorrências” (Cohen, M., 2010. *The Novel And The Sea*. Princeton: Princeton University Press). Créditos: [Edouard Manet - On the Beach - Google Art Project.jpg]

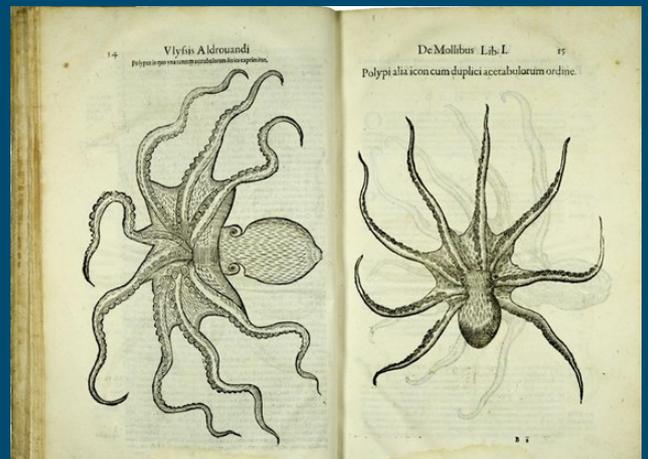


«Há outra coisa que alegra, a alma de toda a gente, são as conservas La Rose, quem diz o contrário, mente!»

Jingle publicitário da conserva “La Rose”, interpretado pela fadista Hermínia Silva para passar na rádio, enquanto estratégia de promoção desta conserva a nível nacional, no contexto pós II Guerra Mundial. Lata de conservas “La Rose”, ¼ club, de sardinha em azeite, produzida pela firma Feu & Hermanos Lda., entre 1902 e 1970. Autores: Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão).



Um dispositivo e um livro. Sextante, o instrumento de navegação com que se calcula a latitude de um lugar através da distância angular de um astro ao horizonte. *Sextant: A Voyage Guided by the Stars and the Men Who Mapped the World*, um livro que narra a história deste dispositivo, a partir das viagens e dos protagonistas marinheiros que o empregaram, na forma de romance.



Também nas páginas dos livros as espécies nascem, transformam-se ou extinguem-se. Ulysse Aldrovandi descreveu a vida e a reprodução do polvo em *De reliquis animalibus exanguibus* (1606). Eric Pontoppidan falou depois nos kraken, cefalópodes gigantes capazes de afundar navios (*História Natural da Noruega*, tradução inglesa, 1755). Denys-Montfort (1766-1820) reproduziu, em *A História natural, geral e particular, dos Moluscos*, o desenho de um ex-voto que estava numa capela de Saint-Malô e que mostrava um kraken a atacar uma nau. O termo pieuvre surgiu pela primeira vez em *Os Trabalhadores do Mar* (Victor Hugo, 1866). O kraken e a pieuvre são figuras e metáforas da aventura da palavra na literatura ficcional, e o polvo é uma realidade zoológica nas obras científicas.

# “ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO”

Projetos, notícias, publicações e leituras rápidas

## Projetos de investigação:

### ◆ Apontamentos para um “Museu do Salva-Vidas”

A estação salva-vidas de Alvor, inativa desde inícios dos anos 80, ainda hoje acolhe o barco a remos, de tipo dinamarquês, intitulado “Alvor”, que iniciou a sua atividade nesta vila em 1933, a prestar assistência e socorro às embarcações de pesca que cruzavam a barra. Contam-nos na vila que, após o encerramento da estação, em 1983, o Museu da Marinha quis levar para Lisboa esta embarcação salva-vidas e a população se revoltou. Os sinos tocaram a rebate e as gentes acorreram à ribeira. As portas da estação foram soldadas e os carris por onde a embarcação descia até ao rio, cortados. O desejo do povo, de que o barco salva-vidas permanecesse em Alvor, foi respeitado e, desde então, se fala num “museu do salva-vidas”.

Entre conversas com antigos membros da tripulação do salva-vidas, com facilidade se recua a um “tempo” em que os barcos a remos e à vela dominavam a paisagem marítima local e em que os homens saíam ao mar orientados pela estrela norte e pelos conhecimentos que apreendiam à custa da experiência, como saber distinguir o vento mareiro do vento norte... Sussurram-se aqui e ali histórias sobre naufrágios e desaparecimentos no mar, sobre as

dificuldades de entrada na barra em dias de suestada e de mar de fora, altura em que se formavam grandes e perigosos cabeços de areia antes da construção dos molhes, alterando o canal de entrada na barra... Falam-nos as mulheres, mães, esposas, filhas, sobre como geriam a vida do mar em terra e que, não raras vezes, em dias de mar tenebroso desciam também à praia em alvoroço para ajudarem os homens a vararem os barcos, porque não se conseguia entrar na barra.

Tudo isto terá ditado a necessidade da presença do salva-vidas na barra, conseguida com o esforço de uma tripulação de marítimos reunida pelo patrão, o “Zé Jorge”, à hora e muitas vezes à força, sob pena de uma participação na capitania, e que acabava por fazer falar mais alto o sentido de dever dos homens, pois uma coisa sabiam: “Hoje és tu, mas amanhã posso eu precisar!”. Atualmente esta embarcação participa numa das mais emblemáticas procissões da vila, A Nossa Senhora da Boa Viagem, perpetuando a sua imagem de símbolo local e fazendo uma ponte com o presente, pois importa também conhecer quem é hoje esta comunidade marítima.

Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão)



Barco Salva-Vidas “Alvor” [imagem cedida pela Junta de Freguesia de Alvor]



Mestre João Pedro Pacheco com um dos seus desenhos da embarcação salva-vidas “Alvor” [Museu de Portimão].

O Projeto *Imaginários do Mar* está associado à dimensão científica e pedagógica da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”. É uma ferramenta de e para a investigação científica e um recurso útil à prática docente. Nele cruzam-se registos, fontes e metodologias de diversos campos epistemológicos e move-o a com-pilação de fontes documentais e recursos críticos que forneçam os elementos constitutivos de um imaginário marítimo entre a Idade Média e a época contemporânea. Entre as muitas questões que surgem pensamos na designação do mar nos mitos topográficos, as suas características (formais, imagéticas ou enunciativas) nos mitos cosmogónicos e etiológicos, as modalidades de representação enquanto espaço fixo e móvel em relatos de navegação, de ilhas, rituais e crenças e lendas e provérbios e outras práticas culturais, a possibilidade de esboçar uma arqueologia simbólica do mar a partir dos relatos de naufrágios, tesouros subaquáticos, ilhas e cidades submersas.

[Carlos Clamote Carreto](#), [Joana Gaspar Freitas](#) e [Clara Sarmento](#) (IELT—NOVA FCSH)

## Imaginários do Mar ◆



## ◆ Conservação e Restauro



Prato em estanho, segunda metade do século XVII. Antes e pós intervenção com tratamento eletrolítico.

Os Oceanos são o palco de parte da história do Homem e, apesar de serem muitas vezes um ambiente hostil de combinação de ações físicas e químicas bastante abrasivas, são também o espaço no qual essa história ainda se mantém preservada. Porém, a sua descoberta promove, muitas vezes, alteração do meio e a degradação do património cultural nele existente. Compete ao conservador-restaurador o desafio da estabilização dos achados arqueológicos subaquáticos, permitindo que estes elementos da cultura material estejam disponíveis para o público e investigadores. Todo este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pelo Laboratório de Conservação e Restauro do Museu de Portimão no sentido de poder expor e/ou manter em reserva a sua coleção de materiais arqueológicos subaquáticos.

Andreia Romão (Museu de Portimão)

**Para ler com tempo:** Em *La Vie Sous La Mer* (2020) conta-se aos jovens leitores como o ser humano foi, em sucessivas etapas, alcançando os fundos oceânicos, em apneia e em tonéis com escotilhas até aos ROV, Remotely Operated underwater Vehicle e às tentativas para habitar dispositivos submarinos estáticos. Um mergulho que em *Flotsam* (2006) é a história, narrada em desenho, de um menino que encontra na praia uma câmara fotográfica. Revelado, o rolo testemunha a vitalidade da vida marinha. Devolve-a ao mar, depois de colocar um novo rolo, para que continue a viagem e seja encontrada por outras crianças, que descobrirão novas evidências de um mundo maravilhoso. Os oceanos são também as ilhas que os romancistas e poetas põem nas suas histórias e que foram reunidas em *Archipelago: An Atlas of Imagined Isles* (2019) e os seres que os habitam, como em *8 Ways to Draw Fish* (2017). Mais recentemente, outras leituras são-nos dadas em *Memórias Navais* (2020), uma antologia de crónicas reunidas por João Freire sobre episódios e protagonistas da história das marinhas portuguesas.

### Leituras rápidas:

- ◆ “Beyond the dead white whales: literature of the sea and maritime history”, uma abordagem interessante, no artigo de Lincoln Paine, que fala nos desequilíbrios e carências extremas do ensino da literatura do mar no ensino universitário.

## PORTO DA CIDADE

### O Rio Arade e o Porto de Portimão

A partir de finais do século XIX, com o surgimento da industrialização, o rio Arade e o porto de Portimão consolidaram a sua vocação enquanto canal estratégico de circulação interna e de exportação de produtos locais e regionais. A dinâmica industrial e portuária contribuiu para a elevação de Portimão a cidade em 1924. Do concelho partiam figos, amêndoas, sal, laranjas, vinho, aves, peixe, obras de palma e esparto, cortiça, mel, alfarroba, legumes, frutas, a que se reuniam os géneros dos concelhos de Monchique, Silves, Lagoa, Albufeira, parte de Lagos e de outras povoações. Assim, quando a indústria conserveira surgiu em Portimão (1892), possibilitada pela evolução da pesca ao cerco, a sua estrutura de exportação portuária já se encontrava bem desenvolvida. Em 1904 entraram na foz do Arade 241 embarcações de pesca e, entre 1910 e 1914, trabalhavam cerca de 1300 homens na captura da sardinha. Na década de 1930, o porto ganhou uma posição cimeira no Algarve. Em 1931 Portimão exportou para Inglaterra, América do Norte, Alemanha e França 11 mil toneladas de caixas de conserva (400 mil unidades), cujo valor ultrapassou o de outras mercadorias como a cortiça, o figo e a amêndoa.



Porto de Portimão. Fonte: Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão.

Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão)

#### Ref. Bib:

NUNES, Joaquim A., 1956, *Portimão*, in Estudos Algarvios III, Casa do Algarve, Lisboa;  
DUARTE, Maria João Raminhos, 2003, *Portimão – Industriais conserveiros na 1.ª metade do século XX*, Edições Colibri, Lisboa;  
VENTURA, Maria da Graça M; MARQUES, Maria da Graça M., 1993, *Portimão*, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Ed. Presença, Lisboa

## NOTA DA EQUIPA EDITORIAL

Abstração das tecnologias e das quimeras da época, arquivo de património cultural e natural, o submarino Náutilus é, em *Vinte Mil Léguas Submarinas*, um instrumento, simbólico e físico, de estudo no contexto das ciências e das reflexões culturais emergentes: arqueologia, oceanografia e biologia marinha em especial, mas também etnografia e literatura. De Oceânica em Oceânica dialogamos entre Centros com vocações distintas: como Jules Verne, pensamos que o registo e a descrição dos factos são uma face do saber, que tem na escrita um modo de mostrar como este (saber) é de igual modo uma paixão. É tanto um sentimento de cientista quanto uma emoção literária o encanto do naturalista Aronnax por este submergível que percorre os oceanos como uma andorinha e oferece o conhecimento numa constante vertigem: o túnel subterrâneo que une a navegação das águas do Índico e do Golfo Pérsico às do Mediterrâneo e a travessia entre paredes de gelo rumo à descoberta de um continente no Polo Sul; a diversidade da vida marinha em profundidades impossíveis e a oportunidade de divagar sobre o destino humano diante das ruínas da Atlântida. O CHAM, centro de investigação a que a equipa editorial da newsletter passa o testemunho, mostrar-nos-á, através de mais clareias e escafandros, novos modos de apreender as paisagens marinhas.



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO  
O Património Cultural dos Oceanos Portugal



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

[4] 2<sup>ND</sup> SERIES

# OCEANICA

The profound changes highlighted in the previous issue, point to scientific and creative exercises focused on the preservation of both the biosphere and biogeochemical cycles, as well as the defense of cultural and natural heritages. Vasco da Gama celebrated the great journey of knowledge, “The Lusíadas” (1572), which gave the world, in addition to unexpected and desired places, hydrographic, oceanic and coastal charts, logbooks and navigation techniques: coastal areas, ports and commercial cities, islands and estuaries, ships and oceans, became scenarios for the individual and collective capacity to face the most unexpected adventures.

The founding texts of the wreck literature of the Modern Era, compiled in the “História Trágico-Marítima” (1755), starting with “Relação da Mui Notável Perda do Galeão Grande São João” (1552), anticipated perhaps the emergence of a specific genre of fictional text, the maritime novel, and the adventure of thought and word that characterizes it: in “Robinson Crusoe” (Defoe, 1719) a survivor “rebuilds” humanity on an isolated island; in “Twenty Thousand Leagues Under the Sea” (Verne, 1870) a submersible abolishes the measures of distance and duration, and institutes maritime spaces as those of a renewed science; whale hunting and the rescue of a steamship machine are described in a figurative, philosophical and emotional language in “Moby-Dick” (Melville, 1851) and in “The Workers of the Sea” (Hugo, 1866); “Typhoon” (Conrad, 1903) translates the application of formal learning to reality in a labyrinth of hesitations. The sciences, practices and jargon have inspired the powerful element of awareness and symbolization that is fictional maritime literature.

Today, at IELT, through the critical anthology “Sea Imaginaries”, we seek to apprehend the emergence of new signs of fictional and non-fictional literature and their articulation with more traditional tools. With this in mind, we invited the Portimão Museum, an institution dedicated to the study and dissemination of tangible and intangible maritime heritage, to introduce itself to our readers

Carlos Clamote Carreto, Luís Sousa Martins, Anabela Gonçalves e Carolina Vilardouro (IELT –NOVA FCSH)

**EDITORIAL INFORMATION**  
OCEANICA—Newsletter of the UNESCO Chair “The Ocean’s Cultural Heritage”, n.º 4 of the 2nd Series (december, 2020).

**EDITORIAL COORDINATION**  
Luís Sousa Martins (IELT)

**EDITING & DESIGN**  
Joana Baço (CHAM)

**CONTENT REVIEW (PT)**  
Anabela Gonçalves (IELT)  
Carolina Vilardouro (IELT)

**CONTENT REVIEW (EN)**  
Diana Barbosa (IHC)

**MODEL REVIEW**  
Carlos Moreira (IEM)

**COMUNICACION**  
Carla Veloso (CHAM)

**COVER PHOTO**  
Marco Zanin. “Ritualia” Project (2018)

To send us informations, news and suggestions please write to:  
joanabaco@fcsch.unl.pt

UNESCO Chair “The Ocean’s Cultural Heritage” Website:  
[www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra](http://www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra)

**Facebook:**  
@catedra.unesco.nova.oceanos  
**Instagram:** @catedra.unesco.oceanos



Fundação para a Ciência e a Tecnologia

## A COLLECTIVE AND THEIR WORK

In this issue, the emphasis on the researcher is set aside to give space and voice to a collective. With José Gameiro, Scientific Director, and Isabel Soares, Head of Museum, at the helm, the research team at the Portimão Museum is diversified. Let's see, we have Ana Ramos, anthropologist, who scientifically processes the dialogues that she has with people who know stuff; historian António Pereira, that passed from the medieval times of his student days to the smell of fish of the factories; Pedro Branco, also with a History background, is like a MEP, since he's the European Museum Forum's administrator; our dusty Vera Freitas, the museum's archaeologist; Heritage-trained Ana Alexandre, who is our Warehouse Manager (Ok, collection manager...); Rui Nicolau, our designer, who transforms his colleagues nasty ideas into something nice for the audience and "book lady" Gisela Gameiro, our archivist. We are a somewhat difficult group to isolate, so here's a photo of the Museum's team, where we include ourselves.

Pedro Branco (Portimão Museum)



Part of the team at the Portimão Museum, next to the fish unloading hall [Portimão Museum].

## ONE EDITION, ONE PHOTO



S. João da Caparica Beach, 2020. Author: [Joana Gaspar Freitas](#)

These dunes are in the process of rehabilitation, through the plantation of vegetation and the placement of fences and footbridges. The [DUNES project](#) is investigating the first interventions, which began at the end of the 19th century, with the aim of fixing these sands.

EDITORES:  
Davi Pereira de Paula  
João Alveirinho Dias  
Luís Cancela da Fonseca  
Marta Antónia C. Rodrigues  
Miguel da Silva Albuquerque  
Monique Palma  
Sílvia Dias Pereira

DIÁLOGOS EM TORNO DA LINHA DE COSTA: O OCEANO QUE NOS UNE  
TOMO IX DA REDE BRASPOR

Diálogos em torno da linha de costa:  
O oceano que nos une  
TOMO IX DA REDE BRASPOR

UERJ  
2020

### THE CHAIR SUPPORTS

The [IX Tomo BRASPOR](#), resulting from the IX BRASPOR Network Meeting, is now available. This meeting took place in October 2019 and was aimed at fostering cooperation between researchers from various fields of knowledge dedicated to the study of coastal systems. As in previous meetings, holistic approaches that contemplate humans and the environment as a whole were privileged. This meeting was organised by the History Centre (CH—ULisboa) and the Institute for Literature and Tradition Studies (IELT - NOVA FCSH), with the support of the Municipality of Vila do Bispo and the Regional Directorate of Culture of the Algarve.

## 4 SMALL MOMENTS OF KNOWLEDGE IN WORDS, NARRATIVES AND THINGS

Concept, object, instrument and marine species

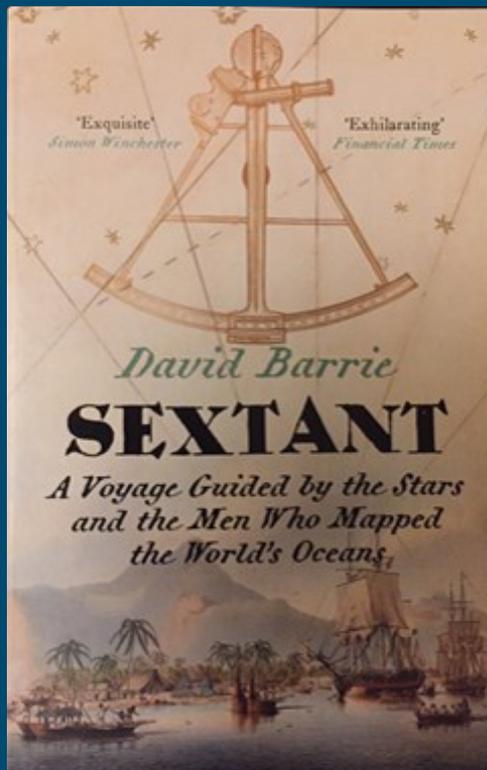


In the origins of the maritime novel, the first readers enjoyed a plot made by Problem-Solution sequences: they followed the protagonists' ability to overcome unforeseen circumstances and difficulties, unknown phenomena, designated in the logbooks and writings of sailors-authors as "notable occurrences" (Cohen, M., 2010. *The Novel And The Sea*. Princeton: Princeton University Press). Credits: [Edouard Manet - On the Beach - Google Art Project.jpg].

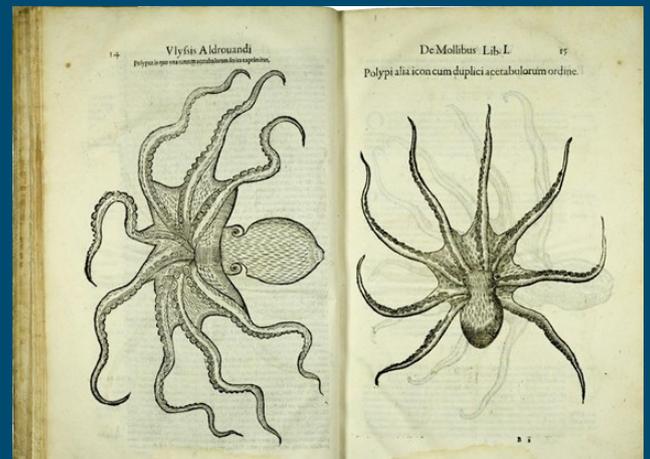


«No other thing brings joy, the soul of everyone, as the La Rose fish cans, who says the opposite, is wrong!»

Advertising jingle for the "La Rose" fish can brand, sung by fado singer Hermínia Silva. It was broadcasted on the radio, as a promotion strategy of this brand on a national scale, in a post-WW2 context. Fish can "La Rose", 1/4 club, with sardine in olive oil, made by Feu & Hermanos Lda. between 1902 and 1970. Authors: Ana Ramos e Pedro Branco (Portimão Museum).



An instrument and a book. Sextant, the navigation instrument with which the latitude of a place is calculated through the angular distance of a star to the horizon. "Sextant: A Voyage Guided by the Stars and the Men Who Mapped the World", a book that tells the story of this instrument, in the form of romance, on the basis of the voyages and the seafarers who employed it.



In the pages of books, species are also, transformed or extinguished. Ulysse Aldrovandi described the life and reproduction of the octopus in "De reliquis animalibus exanguibus" (1606). Eric Pontoppidan later spoke of the kraken, [a] giant cephalopod capable of sinking ships ("Natural History of Norway", English translation, 1755). Denys-Montfort (1766- 1820) reproduced, in "The Natural History, general and particular, of the Mollusks", the drawing of an ex-voto that was in a chapel of Saint-Malö and that showed a kraken attacking a ship. The word pieuvre first appeared in Victor Hugo's novel "Sea Workers" (1866). The kraken and the pieuvre are now figures and metaphors for adventure in fictional literature, and the octopus is a zoological reality in scientific works.

# "WE ARE ALL ON THE SAME BOAT"

Projects, news, publications and quick readings

## Research projects:

### ◆ Notes for a "Lifeboat Museum"

The Alvor lifeboat station, inactive since the beginning of the 1980's, still lodges the Danish-kind oared lifeboat that began its activity in this town back in 1933, aiding and saving the fishing vessels that crossed the harbour. We've been told by locals that after its closure in 1983, the Navy Museum wanted to take the boat back to Lisbon, which caused a mutiny among the population. The church bells tolled and everyone flocked to the riverfront, welding the station's gate and cutting the rails that connected the boat to the water. The people's will, that the boat should remain in Alvor, was respected and since then there's the rumours of a "lifeboat museum".

Speaking with former members of the lifeboat crew, we are easily transported to a time where boats propelled by oars or sails were dominant on the local landscape and on which men left town guided by the pole star and the knowledge they gained from experience, learning to distinguish sea wind from north wind... Here and there, stories of strandings and disappearance in the ocean are whispered, together with memories of difficulties to enter the harbour due to the southwest wind that blew or a rather wavy ocean which formed big and dangerous sand banks that preceded the construction of the breakwaters... Women, mothers, wives, daughters tell us about how they managed life at sea from land and the many times they had to run to the beach to help bring in the boats, since men couldn't navigate them through the harbour.



"Alvor" lifeboat [image provided by Junta de Freguesia de Alvor]



Master João Pedro Pacheco with one of the drawings of the "Alvor" lifeboat [Portimão Museum].

All of this was done under the watchful presence of the lifeboat on the harbour, with its crew composed by seamen aligned by the "boss" Zé Jorge, who sometimes had to resort to a "forced volunteer" policy, with the threat of reporting men to the Port Authority and remembering the motto they knew very well: "today it's them, tomorrow it might be you". This vessel currently takes part in one of the town's most emblematic procession, dedicated to Our Lady of the Good Journey, thus perpetuating its image as a local symbol and bridging past with present, allowing us to better get to know its current fishing community.

Ana Ramos e Pedro Branco (Portimão Museum)

## Imaginários do Mar ◆

The [Sea Imaginaries Project](#) is associated with the scientific and pedagogical dimension of the UNESCO Chair "The Cultural Heritage of the Oceans". It is a tool for scientific research and a useful resource for teaching. It crosses registers, sources and methodologies from diverse epistemological fields. It aims to compile documentary sources and critical resources that provide the constituent elements of a maritime imagery between the Middle Ages and the contemporary era. Among the many questions that arise, we reflect about the designation of the sea in topographical myths, its characteristics (formal, imagery or enunciative) in cosmogonic and etiological myths, the modes of representation as fixed and mobile space in reports of navigation, of islands, rituals and beliefs and legends and proverbs and other cultural practices, the possibility of sketching a symbolic archeology of the sea from the reports of shipwrecks, underwater treasures, islands and submerged cities.

[Carlos Clamote Carreto](#), [Joana Gaspar Freitas](#) and [Clara Sarmento](#) (IELT— NOVA FCSH)



### ◆ Conservation and Restoration



Tin plate, second half of the 17th century. Before and after intervention with electrolytic treatment.

The Oceans are the mainstage for part of man's history and, although they are often a hostile environment of rather abrasive physical and chemical actions, they are also the space in which history is still preserved. However, their discovery often promotes changes in the environment and the degradation of the cultural heritage therein. It is up to the conservator-restorer to challenge the stabilization of underwater archaeological finds, allowing these elements of material culture to be available to the public and researchers. All this work has been developed by the Laboratory of Conservation and Restoration of the Portimão Museum in order to be able to exhibit and/or keep in reserve its collection of underwater archaeological materials.

Andreia Romão (Portimão Museum)

## Editorial Suggestions and quick (or not so quick) readings:

**For slow reading:** In "[La Vie Sous La Mer](#)" (2020) young readers are told how the human being has been reaching the ocean bottoms in successive stages, from apnea and in barrels with hatches up to the ROV, Remotely Operated underwater Vehicles and attempts to inhabit static underwater devices. In "[Flotsam](#)" (2006) that dive is the story, told in drawing, of a boy who finds a camera on the beach. Revealed, the roll bears witness to the vitality of marine life. He returns it to the sea, after placing a new roll, so that he can continue his journey and be found by other children, who will discover new evidence of a wonderful world. The oceans are also the islands that novelists and poets put in their stories and that were gathered in "[Archipelago: An Atlas of Imagined Isles](#)" (2019) and the beings that inhabit them, as in "[8 Ways to Draw Fish](#)" (2017). Other readings are given in "[Memórias Navais](#)" (2020), an anthology of chronicles collected by João Freire on episodes and protagonists in the history of Portuguese navies.

### Quick readings:

- ◆ "[Beyond the dead white whales: literature of the sea and maritime history](#)", an interesting approach, by Lincoln Paine in an article that talks about the imbalances and extreme needs of teaching sea literature in higher education.

## THE PORT OF THE CITY

### *The Arade River and the Portimão's Port*

From the end of the 19th century, with the start of industrialization, the river Arade and Portimão's Port consolidated their role as a strategic channel of internal circulation as well as a local and regional products export point. Its industrial and port dynamics led to the elevation of Portimão to the status of city in 1924.

From the municipality departed figs, almonds, salt, oranges, wine, fish, palm and cord grass handicraft, cork, honey, caroub, vegetables, fruits, together with similar goods coming from Monchique, Silves, Lagoa, Albufeira, some parts of Lagos and other places. Therefore, when the fish canning industry was implemented in Portimão (1892), due to the development of purse seine fishing, its port export structure was already well advanced. In 1904, there were 214 fishing vessels in the Arade's river mouth and, between 1910 and 1914, 1300 men laboured on sardine fishing.

During the 1930's, the port earned a leading role in the Algarve. In 1931, Portimão exported to England, North America, Germany and France about 11 tons of fish can boxes (400000 units), with a value surpassing other cargo like cork, figs and almonds.



Portimão Harbour. Credits: Documentation Center and Historical Archive of Portimão Museum.

Ana Ramos e Pedro Branco (Portimão Museum)

#### Bib. References:

NUNES, Joaquim A., 1956, *Portimão*, in Estudos Algarvios III, Casa do Algarve, Lisboa;  
DUARTE, Maria João Raminhos, 2003, *Portimão – Industriais conserveiros na 1.ª metade do século XX*, Edições Colibri, Lisboa;  
VENTURA, Maria da Graça M; MARQUES, Maria da Graça M., 1993, *Portimão*, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Ed. Presença, Lisboa.

## NOTE FROM THE EDITORIAL TEAM:

An abstraction of the technologies and chimeras of the era, an archive of cultural and natural heritage in "Twenty Thousand Leagues Under the Sea", the submarine Nautilus is an instrument of study in the context of emerging sciences and cultural reflections, both symbolic and physical: archeology, oceanography and marine biology in particular, but also ethnography and literature. From one issue of *Oceanica* to the next, we also dialogue between research centers with different traditions: like Jules Verne, we think that the study and description of the facts are a facet of knowledge, which has in writing a way of showing how this (knowledge) is also a passion. The fascination of the naturalist Aronax for this submersible, that crosses the oceans like a swallow and offers knowledge in a constant vertigo, is both the feeling of the scientist and a literary emotion: the underground tunnel that the submarine travels from the waters of the Indian and Persian Gulf to those of the Mediterranean and the crossing between walls of ice towards the discovery of a continent in the South Pole; the diversity of marine life at impossible depths and the opportunity to digress about human destiny in the face of the ruins of Atlantis. CHAM, the research center responsible for the next *Oceanica*, will show us, new ways of understanding the marine landscapes through more underwater portholes and divers.